

Escrevendo junto

Writing together

Réplica de Luís Felipe Silveira de Abreu aos comentários de Janice Caiafa

Luís Felipe Silveira de Abreu

<https://orcid.org/0000-0002-2460-5165>
paraluisabreu@gmail.com

Doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação e Informação pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). Tem experiência na área da Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, Semiótica, Teoria Literária e Epistemologia da Comunicação. Como pesquisador, atua sobretudo com os seguintes temas: escritura, teoria semiótica, desconstrução, literatura contemporânea, teoria e epistemologia da Comunicação.

<http://lattes.cnpq.br/1944602254626344>

Nesta réplica, exercício do diálogo, passamos a encenar o processo de circulação e troca linguística que dava origem à inquietação de nosso exercício primeiro; tanto melhor que a troca se dê nos termos produtivos, como é a leitura da colega Prof^a. Janice Caiafa.

Gostaríamos, assim, de conduzir a conversa não como uma resposta de tom protetor, a rebater e corrigir pontos de vista, mas sim absorvendo os apontamentos do relato. Para isso, devemos incorporar a perspectiva da leitura, escrevendo junto. Pelos apontamentos da réplica, há um esforço de leitura partilhada que ajuda a iluminar pontos outros de nosso problema; do que Caiafa parte, mais especificamente, é da nossa disposição de tentar apreender os fenômenos de apropriação de escrituras na Comunicação contemporânea e como eles fazem ora caducar, ora ressurgir a ideia de autoria como posse.

Partindo de uma ponta solta, uma remissão sem referência, em que líamos as práticas e os discursos da apropriação como afirmações do “espaço liso da linguagem”,

Caiafa encaminha seu comentário para a retomada de alguns pontos da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tal proposta revela sua força heurística à questão sobretudo em análises como a que segue:

A meu ver, os equívocos nas análises mais entusiasmadas dos supostos desafios das tecnologias digitais e de práticas de vários tipos na situação de supercomunicação que vivemos – como no fenômeno da apropriação – advêm muitas vezes, se quisermos usar a linguagem dos dois autores, de se lançar simplesmente os dois tipos de espaço num plano de simetria ou oposição. Deleuze e Guattari observam que, ainda que haja distinção entre esses tipos de espaço, ocorrem, igualmente, conversões, misturas e passagens constantes de um ao outro. O aberto e o fechado, o múltiplo e o marcado não o são de uma vez por todas (Caiafa, 2019).

Ao tomarmos os apontamentos de Deleuze e Guattari, com as tintas do pragmatismo de suas esquizoanálises, vê-se por tal colocação que há neles reforços à nossa proposta de tomarmos os fenômenos da cópia distantes de quaisquer maniqueísmos, leituras de “boas” ou “más” apropriações. Uma apropriação nunca seria aberta ou fechada de uma vez por todas, ou nunca seria um dos dois a cada vez.

Esse chamado nos faz retomar a vibração de certos conceitos destes filósofos, como faz Caiafa, no que podem auxiliar a deixar mais claros os jogos, tanto de nosso argumento quanto aquele operado pelo problema comunicacional em questão no texto. Podemos pensar, como faz o relato, sobre as questões do controle (cf. Deleuze, 1992), mas propomos nesta réplica expandir a conversa para o conceito de *território*. Rapidamente: esta noção diz de uma série de agenciamentos, conjuntos de

forças socioculturais, que acabam por se organizar como uma “territorialidade”. Além (ou aquém) da concepção geológica, o território seria um espaço simbólico, de estabilização de certas virtualidades semióticas. O que leva o argumento de Deleuze e Guattari a este respeito é que nenhum território é, de fato, *estável*: sempre se encontra em uma espécie de fuga, em uma desterritorialização pelo movimento de seus agenciamentos. Longe de qualquer teleologia, também, esta leitura do *socius* e de seus sentidos não diz de um pretenso progresso nessa desterritorialização, pois ela também há de se reorganizar e compor outros territórios – diversos daquele de saída, mas, ainda assim, territórios. “Pode-se mesmo concluir daí que o menos desterritorializado se reterritorializa sobre o mais desterritorializado. [...] Em regra geral, as desterritorializações relativas (trans-codificação) se reterritorializam sobre uma desterritorialização absoluta em determinado aspecto (sobrecodificação)” (Deleuze e Guattari, 1996, p. 41).

Este resumido trajeto conceitual acaba por reencaminhar às nossas hipóteses. Vemos como as contradições que sustentam os atributos de propriedade simbólica dos signos são inescapáveis – *se sobrecodificam*. Por mais que tanto o pensamento da linguagem quanto os experimentos poéticos de todo o século XX tenham atuado no sentido de esfumar a autoria, ela parece permanecer, como uma espécie de fantasma opaco. Que se reencarna, sendo fantasma, assumindo novas formas, propondo assinaturas e apresentações outras, como as textualidades da Escrita Não Criativa, vinculada por formas de controle aporéticas. Isso ocorre porque a propriedade, como sistema de cooperação entre agenciamentos maquínicos e de enunciação, sempre se reterritorializa.

O que o pensamento sobre a territorialização parece oferecer são ainda mais instrumentos para investigar este retorno em tais objetos. Em verdade, em texto anterior de nossa autoria (Abreu e Silva, 2019), pregresso a nossa atual pesquisa, havíamos sondado a premissa de Deleuze e Guattari de que a “A linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 97). A partir desta frase, que se imporá como um imperativo epistemológico para toda reflexão após *Mil platôs*, tentávamos reconstituir como a perspectiva micropolítica se oferece como um mecanismo de análise às modelizações semióticas da linguagem. O diálogo com Caiafa acaba por demonstrar como aquela pesquisa possui suas repercussões e implicações na investigação atual – e podemos torcer o mesmo dispositivo reflexivo da leitura para o problema da apropriação e da propriedade. Leiamos nas reflexões micropolíticas de Guattari e Suely Rolnik:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari e Rolnik, 1996, p. 323, grifo nosso).

A própria concepção de território abre-se à invasão, à apropriação; não há organização de agenciamentos que não tenha codificada sobre si a possibilidade da própria deriva. Deriva que implica uma série de efeitos derivados, de apresentação poética e política.

*

Nosso artigo proposto tinha dois objetivos, sobretudo. O primeiro, exposto de modo mais claro, era de entender os problemas da apropriação como avatares de um processo semiótico operando no funcionamento mesmo da linguagem, processo do qual os movimentos literários proponentes da reescrita seriam avatares: as remarcações de propriedade dos signos. O segundo passo deste argumento é que parecia ainda um pouco obscuro. Lendo-o uma vez mais, nesta elaboração coletiva com Caiafa, podemos entendê-lo melhor com o auxílio dos conceitos da (re)territorialização. A partir dela é que reforçamos a proposta de entender as remarcações de propriedade (inevitáveis, como se vê uma vez mais) sob o ponto de vista da Comunicação, de modo a entender como tal circulação de posses influencia os próprios atos de enunciação. Pois é o ponto de vista comunicacional o mais afinado para perceber e sopesar as *traduções* de sentido entre os códigos do território, do desterritorializado e do reterritorializado.

Referências

- ABREU, Luis Felipe Silveira de; SILVA, Alexandre Rocha da. 2019. Notas para uma micropolítica da língua: modelizações ideológicas nas semioses da linguagem. *Polifonia*, Campo Grande, 26(41):103-118, jan.-mar.
- CAIAFA, Janice. 2019. Reconstituições da autoria: Janice Caiafa comenta o artigo de Luís Felipe Silveira de Abreu. *Questões Transversais*, São Leopoldo, 2019. Neste número.
- DELEUZE, Gilles. 1992. *Conversações*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Editora 34. vol. 2.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1996. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Editora 34. vol. 3.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 1996. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes.